

150 ANOS DA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO MISSIONÁRIA SALESIANA:

Educação e Evangelização além das fronteiras

Letícia Magrini

INTRODUÇÃO

A Primeira Expedição Missionária Salesiana, realizada em 1875, foi um marco histórico para a Congregação Salesiana, pois representou a concretização do desejo de Dom Bosco de expandir sua obra educativa e evangelizadora para além das fronteiras da Europa. Enviando um grupo de dez missionários liderados por João Cagliero para a Argentina, Dom Bosco inaugurou uma nova fase na história da Salesianidade, levando seu carisma para a América do Sul e estabelecendo as bases para a expansão missionária salesiana em todo o mundo.

Este trabalho tem como objetivo revisar a literatura sobre os 150 anos da Primeira Expedição Missionária Salesiana, analisando-a à luz de três disciplinas do curso de Pós-Graduação em Salesianidade: Identidade Salesiana, Dom Bosco e seu Tempo e Elementos Pedagógicos Salesianos. Através dessa abordagem, busca-se compreender como essa expedição influenciou a identidade salesiana, sua fundamentação histórica, sua prática pedagógica e sua atuação pastoral junto aos jovens.

A relevância deste estudo se dá pelo fato de que a missão salesiana continua sendo essencial na educação e evangelização da juventude, tornando-se necessário um resgate histórico e pedagógico dessa primeira experiência missionária para refletir sobre os desafios e oportunidades da missão salesiana nos dias atuais. Ademais, compreender a influência dessa missão na atuação salesiana contemporânea permite estabelecer um paralelo entre os desafios enfrentados pelos primeiros missionários e as exigências da pastoral juvenil no mundo globalizado.

1. O SONHO

Dom Bosco é conhecido por ser um grande sonhador, não apenas metaforicamente, mas no sentido literal. Desde a sua infância teve sonhos que lhe revelavam sua missão, mas que muitas vezes, só foram compreendidos muitos anos depois.

No livro *Memórias biográficas de São João Bosco: volume X*, João Batista Lemoyne apresenta um sonho decisivo que levou Dom Bosco a iniciar o apostolado missionário na Patagônia. Esse sonho, narrado por Dom Bosco a Pio IX em 1876 e a outros salesianos, como o padre Francisco Bodrato e o padre Julio Barberis, é descrito em detalhes e demonstra o impacto profundo que teve sobre o fundador dos Salesianos.

Eis o sonho que decidiu Dom Bosco a iniciar o apostolado missionário na Patagônia.

Narrou-o a primeira vez a Pio IX em março de 1876. Em seguida, contou-o também a alguns Salesianos em particular. O primeiro, admitido a esta narração confidencial, foi P. Francisco Bodrato, no dia 30 de julho do mesmo ano. E P. Bodrato, naquela mesma noite, o contava a P. Julio Barberis, em Lanzo, onde foi passar alguns dias de descanso com um grupo de clérigos noviços.

Três dias depois P. Barberis voltava a Turim, e encontrando-se na biblioteca em colóquio com o Santo, passeando um pouco com ele, ouvia dele a narração. P. Julio evitou dizer-lhe que já a tinha ouvido, feliz de ouvi-lo repetir pelos seus lábios, também porque Dom Bosco, ao narrar, toda vez tinha sempre algum novo particular interessante.

Tanto o P. Barberis quanto o P. Lemoyne a puseram por escrito. P. Lemoyne declarava: - Dom Bosco disse-lhes que eram os primeiros aos quais revelava detalhadamente esta espécie de visão, que trazemos aqui quase com suas mesmas palavras.

Pareceu encontrar-me numa região selvagem e totalmente desconhecida. Era uma planície imensa, absolutamente selvagem, onde não se viam colinas, nem montes. Nos seus limites, ao longe, levantavam-se montanhas escarpadas. Na planície vi turbas de homens que a percorriam. Estavam quase nus, eram de altura e estatura fora do comum, de aspecto feroz, com os cabelos hirsutos e longos, cor de bronze e enegrecido, vestidos com longas mantas de peles de animais que lhes pendiam dos ombros. Como armas tinham uma longa lança e uma funda (lazo).

Essas turbas de homens, esparsos cá e lá, ofereciam ao espectador cenas diversas: alguns corriam caçando animais ferozes; outros caminhavam, trazendo espetados nas pontas das lanças pedaços de carne sangrenta; alguns combatiam entre si; outros mais lutavam contra os soldados vestidos à europeia, e o terreno estava repleto de cadáveres. Eu fremia diante daquele espetáculo. De repente, despontaram desde as margens daquela planície muitos personagens que, pelas roupas e pelo modo de agir, eram missionários de várias Ordens que se aproximavam para pregar àqueles bárbaros a Religião de Jesus Cristo. Eu olhei atentamente, mas não conheci nenhum deles. Foram ao encontro daqueles selvagens, mas os bárbaros,

apenas os viam, movidos por furor diabólico e alegria infernal, caíam-lhe em cima e os matavam. Depois, com ferocidade, os esquartejavam e fincavam pedaços das carnes na ponta de suas lanças. Em seguida, de vez em quando, renovavam-se as cenas das escaramuças, como antes, entre eles e as povoações vizinhas.

Depois de observar aquelas horríveis matanças, disse a mim mesmo: - Como fazer para converter essa gente tão brutal? - Nesse interim, vi ao longe um grupo de outros missionários: aproximavam-se dos selvagens com o rosto alegre, precedidos por uma multidão de jovens.

Eu tremia, pensando: - Eles vêm aqui para se fazer matar. Aproximei-me deles: eram clérigos e padres. Fixei-os com atenção e os reconheci como sendo os nossos Salesianos. Os primeiros eram mais conhecidos. Embora não tenha podido conhecer pessoalmente muitos outros que vinham em seguida, percebi que também esses eram missionários Salesianos, precisamente dos nossos.

Eu exclamava: - Como é possível tudo isso? - Não queria deixá-los avançar, e estava ali para barrá-los. Tinha medo que de repente acabassem tendo a mesma sorte dos antigos missionários. Eu queria que voltassem para trás, quando notei que a sua presença despertou a alegria de todas aquelas turbas de bárbaros, que abaixaram as armas, depuseram sua ferocidade e acolheram os nossos missionários com grandes demonstrações de amizade. Maravilhado, dizia a mim mesmo:

- Vejamos como tudo isso vai acabar! - E vi que os nossos missionários avançavam em direção aqueles índios, os instruíam, e eles ouviam de boa mente suas palavras. Ensinavam, e eles aprendiam com interesse; admoestavam, e eles aceitavam e punham em prática suas orientações.

Fiquei observando, e me dei conta de que os missionários recitavam o Terço, enquanto os selvagens, correndo por todos os lados, abriam alas à sua passagem e de bom grado respondiam aquela oração.

Depois de um pouco de tempo, os Salesianos puseram-se no centro daquela multidão, que os rodeou, e se ajoelharam. Os selvagens, depostas as armas aos pés dos missionários, também dobraram os joelhos. E eis um dos Salesianos a entoar: *Lodate Maria, o lingue fedeli* (Louvai Maria, línguas fiéis), e aquelas turbas, a uma voz, continuar o canto, tão uníssono e forte que eu, quase assustado, acordei.

Tive este sonho há quatro ou cinco anos e me impressionou profundamente, considerando-o um aviso celeste. Todavia, não compreendi bem seu significado específico. Compreendi, porém, que se tratava de Missões estrangeiras, que, já antes de agora, correspondiam ao meu maior desejo.

O sonho ocorreu em torno de 1872. Primeiramente Dom Bosco achou que fossem os povos da Etiópia, depois pensou aos que estavam perto de Hong Kong, depois gente da Austrália e das Índias. Somente em 1874, quando recebeu insistentes convites para mandar os Salesianos para a Argentina, compreendeu que os silvícolas vistos no sonho eram os indígenas daquela imensa região, então quase desconhecida, que era a Patagônia. (LEMOYNE, 2022a, p. 60-62).

O sonho de Dom Bosco relacionado à evangelização na Patagônia revela não apenas a intensa dimensão mística de sua vocação missionária, mas também uma profunda orientação pedagógica e evangelizadora. Essa experiência onírica simboliza a necessidade de adaptar a missão salesiana às diversas culturas, ressaltando o valor da presença educativa, da devoção a Maria e do método preventivo como caminhos eficazes na aproximação e conversão dos povos indígenas.

Dom Bosco compreendia seus sonhos como manifestações da vontade divina, verdadeiros direcionamentos para sua missão. No caso específico dessa visão, o contraste entre os primeiros missionários martirizados e os salesianos acolhidos com benevolência pelos indígenas evidencia a eficácia do estilo salesiano de evangelização. Diferentemente das abordagens impositivas, os salesianos optavam por uma aproximação amistosa, acompanhados de jovens, estabelecendo laços de confiança e respeito. Esse aspecto ilustra bem a afirmação de Braidó (2004), ao destacar que tanto a conversão quanto a educação são frutos de um processo diário, construído com paciência e proximidade.

O sonho também sublinha a importância da educação como instrumento de evangelização — um dos pilares fundamentais da obra salesiana, conforme apontado por Lenti (2014). A presença de jovens que antecedem a chegada dos missionários reforça a ideia de que a juventude ocuparia um papel central na missão na Patagônia. Esse princípio reflete a concepção de Dom Bosco de formar "bons cristãos e honestos cidadãos" por meio da educação e do acompanhamento constante.

Além disso, a cena em que os indígenas aprendem a rezar e se unem aos salesianos em cantos marianos simboliza a liberdade de adesão à fé cristã. Tal momento revela que a evangelização, ao se valer da cultura local e do acolhimento, em vez da imposição, foi decisiva para o êxito da missão salesiana na América do Sul.

Outro elemento de destaque na visão é a devoção mariana. No momento em que os salesianos começam a rezar e a entoar um hino à Maria, os indígenas — antes hostis — depõem suas armas e acolhem a presença missionária. Isso demonstra como a espiritualidade mariana foi fundamental na missão evangelizadora, sendo constantemente enfatizada por Dom Bosco em sua trajetória.

D'Espiney (1895) salienta que Dom Bosco via Maria Auxiliadora como uma guia essencial das missões salesianas — perspectiva reforçada por esse sonho. O êxito dos missionários na evangelização dos povos indígenas está diretamente associado à presença de Maria como intercessora espiritual e protetora.

Essa experiência mística serviu como confirmação e impulso para a Primeira Expedição Missionária Salesiana. Dom Bosco interpretou-a como um chamado à ação na Patagônia, percebendo que o carisma salesiano — centrado no Sistema Preventivo, na proximidade com os jovens e na espiritualidade mariana — seria o caminho mais eficaz para alcançar os povos que até então resistiam ao cristianismo.

Sob a ótica dos autores estudados, o sonho não se limita a uma revelação espiritual, mas representa uma verdadeira lição pedagógica e evangelizadora que norteou a prática missionária salesiana e se tornou um dos pilares da identidade da Congregação. Ele reafirma a essência da missão salesiana: evangelizar por meio do amor, da educação e da presença ativa junto aos mais necessitados.

Além disso, os estudiosos reforçam a relevância dessa visão para a construção da identidade missionária da Congregação. Lenti (2014) destaca que a experiência expressa a convicção de Dom Bosco quanto ao papel da educação no processo de conversão e promoção social dos povos indígenas. Braido (2004), por sua vez, enfatiza que o método preventivo aplicado pelos missionários possibilitou não apenas a aceitação da fé cristã, mas também uma integração pacífica dos indígenas ao modelo educativo salesiano.

Em suma, o sonho simboliza a essência do carisma salesiano: uma evangelização marcada pelo acolhimento, pela formação humana e pela presença maternal de Maria. A Primeira Expedição Missionária Salesiana nasce, assim, não só de uma necessidade pastoral, mas de uma profunda convicção espiritual, legitimada pela experiência onírica de seu fundador.

2. CONTEXTO, PREPARAÇÃO E IMPACTO

O contexto histórico do século XIX foi determinante para a Primeira Expedição Missionária Salesiana. A Revolução Industrial e as transformações sociais impulsionaram a migração em massa de italianos para a América do Sul, criando uma demanda por educadores e pastores que auxiliassem essa população deslocada (LENTI, 2014, p. 32). A urbanização acelerada e o crescimento das indústrias geraram novos desafios sociais, incluindo o aumento da pobreza e da marginalização de jovens trabalhadores, que muitas vezes viviam em condições precárias e sem acesso à educação.

A citação a seguir ilustra um momento crucial na trajetória missionária de Dom Bosco: a aceitação definitiva das missões na América. Com a bênção e o apoio do Papa Pio IX, Dom Bosco deu início a uma nova fase para a Congregação Salesiana, marcada pelo envio de missionários a terras distantes. A solenidade e a expectativa desse anúncio refletem não apenas o comprometimento de Dom Bosco com o

chamado missionário, mas também o entusiasmo que essa decisão gerou entre os salesianos e os jovens do Oratório.

Pio IX, que visitara a Argentina no início de seu ministério sacerdotal, e conhecia quanto era abundante a messe aí preparada, ouviu com agrado as intenções de Dom Bosco sobre as Missões nesses países, entretendo-se bastante sobre o assunto. Dom Bosco, que tinha ido a Roma também para ter, como sempre, luz, conselho e aprovação do Vigário de Jesus Cristo, logo que, com louvor e bênção do Sumo Pontífice, recebeu o maior encorajamento, preparou-se com toda a sua determinação e energia para a empresa, para cuja implementação já havia dado os primeiros passos. Após as preliminares expostas no volume décimo, começaram as negociações mais concretas. Assim, nas vésperas da data de São Francisco de Sales, chegaram da América as respostas, pelas quais eram aceitas todas as condições apresentadas por Dom Bosco e, ao mesmo tempo, era solicitada a partida dos Salesianos. As cartas, dirigidas ao cônsul argentino Gazzolo, seriam oficialmente comunicadas por ele.

Dom Bosco quis que essa comunicação fosse acompanhada com a máxima solenidade. Por isso, na noite da festa, ele deu ordens para que todos os jovens e todos os Salesianos do Oratório se reunissem na sala de estudos e que, na frente deles, se levantasse um grande palco.

Dom Bosco subiu no palco rodeado pelos membros do Capítulo Superior, pelos Diretores das casas, reunidos naqueles dias para a conferência geral. Poucos sabiam o motivo exato dessa novidade; portanto, a expectativa era extraordinária. A um sinal de Dom Bosco, o cônsul Gazzolo, vestido com seu uniforme, adiantou-se e, no religioso silêncio, leu em voz alta as cartas da Argentina. Então Dom Bosco, pondo-se de pé, tomou a palavra e disse que, no que lhe dizia respeito, as propostas eram aceitas; mas que ele tinha no momento uma única restrição a ser feita, isto é, que o Santo Padre lhe concedesse o seu pleno consentimento; que ele teria ido a Roma para ouvir de seus lábios, se a coisa fosse do seu agrado; somente no caso de uma negativa da parte do Sumo Pontífice, ele teria respondido negativamente aos pedidos da Argentina. Não é possível descrever o efeito produzido por aquela cena imponente.

Salesianos e jovens ficaram entusiasmados. Alguns dos Superiores, à vista de tanta solenidade, tinham-se mostrado relutantes em ocupar lugar no palco, por receio que, na prática, a falta de pessoal ou a insuficiência dos meios, mandassem a expedição água abaixo; mas no final o entusiasmo inflamou tanto os ânimos, que até os hesitantes se sentiram arrastados. Foi uma corrente elétrica que se espalhou num instante dentro e fora do Oratório. LEMOYNE (2022b, p. 103)

A aceitação do convite do governo argentino por Dom Bosco reflete sua visão de que a missão salesiana deveria ir além das fronteiras da Europa, alcançando "as almas que mais necessitam" (LENTI, 2014, p. 35). O sonho dos nove anos, uma das experiências fundamentais da vocação de Dom Bosco, também pode ser interpretado como uma prefiguração desse caráter missionário da sua obra (BRAIDO, 2004, p. 98).

O relato de Lemoyne (2022) sobre a preparação da expedição missionária salesiana para a Argentina evidencia a forte convicção de Dom Bosco em sua missão evangelizadora e sua fidelidade à Igreja. Desde o início, nota-se a importância da

aprovação do Papa Pio IX, o que reforça a ideia de que Dom Bosco não via sua missão como um projeto pessoal, mas como parte do desígnio da Igreja.

A Primeira Expedição Missionária Salesiana foi preparada meticulosamente por Dom Bosco, que acompanhou cada detalhe e ofereceu diretrizes claras para os missionários (D'ESPINEY, 1895, p. 87). Com a aprovação do Papa Pio IX, o grupo partiu no dia 11 de novembro de 1875 e chegou a Buenos Aires em 14 de dezembro do mesmo ano. Ali, permaneceram por aproximadamente um mês, vivendo na paróquia dos italianos. Nesse período, um pequeno grupo partiu para o norte da Argentina, onde criaram a primeira casa salesiana na América, a escola Dom Bosco, na cidade de San Nicolás de los Arroyos, que serviu como base para suas atividades missionárias (D'ESPINEY, 1895, p. 95).

Desde sua chegada a Buenos Aires, os primeiros salesianos assumiram a tarefa de ajudar material e espiritualmente seus concidadãos italianos. Nesse sentido, segundo um relatório do arcebispado de Buenos Aires, eles desenvolveram uma enorme atividade com oratórios, paróquias, escolas, círculos operários, grupos de ex-alunos e associações comunitárias. A centralidade desta tarefa ficou clara em uma carta do P. José Vespignani reservada aos próprios salesianos, na qual destacou algumas impressões de sua viagem ao X Capítulo Geral da Congregação.

Lá, ele chamou a atenção especialmente para as palavras do 1º sucessor de Dom Bosco, P. Miguel Rua, sobre o cuidado que devia ser dado aos imigrantes: “Recomendo os imigrantes a todos os nossos missionários: este é um dos maiores atos de caridade, recomendado pela Igreja através do Sumo Pontífice e dos mais zelosos prelados. Vamos ajudar os imigrantes.”

Os salesianos não apenas atenderam à população imigrante italiana, mas também começaram a evangelizar os povos indígenas da Patagônia, estudando suas línguas e costumes para melhor se aproximar deles. Algumas das primeiras casas salesianas foram estabelecidas nas regiões mais remotas da Patagônia, buscando atrair os indígenas para o cristianismo (D'ESPINEY, 1895, p. 112). Esse trabalho reflete a visão missionária ampla de Dom Bosco, que não se restringia ao cuidado dos jovens europeus, mas desejava levar a educação e a fé a todas as realidades carentes.

A escolha de Dom Bosco de fazer um anúncio público e solene, reunindo salesianos e jovens em uma cerimônia grandiosa, revela sua habilidade em mobilizar emoções e engajar as pessoas em sua visão missionária. O impacto foi tão profundo

que até os mais céticos e hesitantes acabaram sendo contagiados pelo entusiasmo coletivo. Essa estratégia remete ao conceito de "razão, religião e amorevolezza", pilares do Sistema Preventivo.

Apesar do entusiasmo geral, Lemoyne destaca que alguns superiores hesitavam devido à falta de pessoal e de recursos. No entanto, Dom Bosco não permitiu que essas dificuldades bloqueassem a iniciativa. Esse episódio demonstra sua fé inabalável na Providência Divina, um traço que D'Espiney (1895) ressaltava como fundamental na espiritualidade salesiana. A ideia de que o sucesso da missão não dependia apenas dos recursos materiais, mas da vontade de Deus e do esforço dos salesianos, reflete a visão de Dom Bosco sobre o trabalho missionário.

O reconhecimento da missão salesiana veio oficialmente em 1883, quando o Papa Leão XIII estabeleceu um Vicariato e uma Prefeitura Apostólica na Patagônia, consolidando a presença salesiana na região. Em 1884, João Cagliero foi nomeado o primeiro bispo salesiano, tornando-se uma figura chave na expansão da missão na América do Sul (D'ESPINEY, 1895, p. 145). Esse reconhecimento institucional reafirmou a importância e a estabilidade do projeto missionário salesiano.

Assim, a expedição missionária para a Argentina não foi apenas um marco geográfico, mas um momento de consolidação do espírito salesiano. A forma como Dom Bosco conduziu a decisão revela elementos centrais de sua liderança: fidelidade à Igreja, mobilização pelo entusiasmo, confiança na Providência e visão estratégica para expandir sua obra. Dessa forma, o episódio não apenas marca o início da presença salesiana na América do Sul, mas também reafirma a essência do carisma salesiano: uma educação evangelizadora que contagia, motiva e transforma vidas, mesmo diante dos desafios.

3. OS JOVENS MISSIONÁRIOS

O processo de escolha dos missionários para a Primeira Expedição Missionária Salesiana foi conduzido com grande atenção por Dom Bosco. Inicialmente, salesianos interessados em partir para a missão apresentaram seus pedidos, mas a seleção final envolveu um olhar cuidadoso sobre as habilidades e dons de cada candidato, assegurando que pudessem servir da melhor forma possível além-mar. Dom Bosco acompanhou cada etapa dessa escolha com zelo, compreendendo que a missão

exigiria não apenas fervor religioso, mas também preparo humano e espiritual (D'ESPINEY, 1895, p. 87).

O grupo que partiu rumo à Argentina era composto por seis sacerdotes: padre Giovanni Cagliero, padre José Fagnano, padre Valentin Cassini, padre Domenico Tomatis, padre Giovanni Battista Baccino e padre Jacopo Allavena; além de quatro irmãos coadjutores: Bartolomeo Scavini, Vicente Gioia, Bartolomeo Molinari e Esteban Belmonte. Todos eram jovens salesianos, e um deles chegou a ser ordenado antecipadamente para poder integrar a missão (D'ESPINEY, 1895, p. 95). Essa juventude representava um espírito de coragem e entrega, pois esses missionários lançaram-se ao desconhecido, sem garantias de retorno à Itália ou de rever seu pai e fundador, Dom Bosco.

O cuidado de Dom Bosco com seus missionários era evidente. Além de acompanhá-los no período de preparação e oferecer diretrizes detalhadas para a missão, ele também se preocupou em assegurar que fossem recebidos de maneira acolhedora na Argentina, promovendo um ambiente em que pudessem ser "amigos entre amigos" (LEMOYNE, 2022a). Em sua correspondência, demonstrava interesse em conhecer os desafios que encontrariam e os recursos disponíveis para sua adaptação (BRAIDO, 2004, p. 98). Durante as férias de 1875, organizou aulas de espanhol para que os missionários pudessem chegar ao novo continente já familiarizados com a língua local, facilitando sua comunicação e inserção (D'ESPINEY, 1895, p. 112).

Com plena consciência das dificuldades que enfrentariam, Dom Bosco designou o padre Giovanni Cagliero, o salesiano mais experiente do grupo, para atuar como guia e acompanhante dos jovens missionários nos primeiros três meses. Ele sabia que uma missão tão desafiadora exigia um líder experiente para orientar e fortalecer o grupo diante das adversidades que encontrariam em terras distantes e desconhecidas (LENTI, 2014, p. 35).

A emocionante celebração de envio ocorreu em 11 de novembro de 1875, na Igreja de Maria Auxiliadora, em Valdocco. A cerimônia foi marcada por grande comoção e entusiasmo missionário. Dom Bosco dirigiu palavras especiais aos dez missionários, abraçando-os e transmitindo-lhes individualmente uma breve mensagem de incentivo. Além disso, entregou-lhes uma carta com recomendações sobre como conduzir-se na missão e quais princípios deveriam guiar seu trabalho evangelizador (D'ESPINEY, 1895, p. 145). O clima de familiaridade e fervor

missionário envolveu todos os presentes. Três dias após essa cerimônia, no dia 14 de novembro, o grupo partiu do porto de Gênova, dando início à grande missão salesiana na América do Sul.

O trecho a seguir, extraído das Memórias Biográficas de São João Bosco, retrata em detalhes a comovente despedida de Dom Bosco aos primeiros missionários enviados para terras distantes. Esse evento, repleto de simbolismo e emoção, evidencia a forte ligação espiritual que ultrapassa fronteiras e ressalta a concepção de Dom Bosco sobre a missão como uma manifestação do amor de Cristo destinado a todos os povos.

E agora vou falar algumas palavras a vocês, filhos amados, que estão para partir. [...]

Mas falta-me a voz, as lágrimas sufocam a palavra. Digo apenas que, se minha alma neste momento se emociona com a sua partida, o meu coração tem um grande consolo ao ver consolidada a nossa Congregação; ao ver que em nossa pequenez também nós colocamos a nossa pedrinha neste grande edifício da Igreja. Sim, partam corajosos; mas lembrem-se de que existe apenas uma Igreja que se estende por toda a Europa, a América e por todo o mundo, e recebe em seu seio os habitantes de todas as nações que desejam vir e se refugiar em seu seio materno.

Cristo é o Salvador das almas que estão aqui, como das que estão lá. E o Evangelho que é pregado em um lugar é o mesmo que se prega nos outros: de modo que, embora separados no corpo, temos, em todos os lugares, unidade de espírito, trabalhando todos para a maior glória do mesmo Deus e Salvador Nosso Jesus Cristo. [...]

Como salesianos, em qualquer remota parte do globo que se encontrarem, não se esqueçam, de que aqui na Itália vocês têm um pai que os ama no Senhor, uma congregação que pensa em vocês em todas as circunstâncias, provê sempre a vocês e os acolhe como irmãos [...] Adeus! Talvez todos nós não possamos nos rever nesta terra. Por um tempo estaremos separados com o corpo, mas um dia estaremos reunidos para sempre. Nós, trabalhando para o Senhor ouviremos Ele dizer: muito bem servo bom e fiel... vem participar da alegria do teu Senhor – Mt 25,21.

[...] Então veio a parte mais comovente da cerimônia, que levantou em todos os cantos soluços e lágrimas e colocou à prova a serenidade dos jovens apóstolos. Enquanto um coro de jovens repetia do coro o motete *Sit nomen Domini benedictum ex hoc nunc et usque in saeculum* (Seja bendito o nome do Senhor, desde agora e para sempre), no presbitério, entre a emoção geral, o amado Pai e todos os sacerdotes presentes davam o extremo abraço aos peregrinantes. A emoção atingiu o auge, quando saindo pela balaustrada, os dez missionários atravessaram a igreja, passando entre jovens e conhecidos. Apertavam-se ao redor deles para beijar suas mãos e suas roupas. O Beato chegou por último à soleira da porta, da qual contemplou por um breve momento um grandioso espetáculo: a praça tomada pela multidão e uma longa fila de carruagens os missionários, no brilho das lanternas que iluminavam a noite e nos reflexos do fluxo de luz que saía da porta aberta, debaixo de um céu claro e cheio de estrelas, numa brisa que soprava calma sobre os espectadores. P. Lemoyne não pode conter a torrente de sentimentos que lhe inundava o peito. - Ah, Dom Bosco, exclamou. Começa a se tornar realidade o *Inde exhibit gloria mea* (Daqui sairá a minha glória)? - É verdade- respondeu Dom Bosco, profundamente comovido. LEMOYNE (2022b, p. 103)

4. DESAFIOS MISSIONÁRIOS ONTEM E HOJE

Nos dias de hoje, embora os missionários já não enfrentem as mesmas adversidades do século XIX, as exigências da pastoral juvenil continuam desafiadoras. A juventude vive num mundo globalizado, repleto de contradições: conectada virtualmente, mas muitas vezes isolada emocionalmente; com acesso à informação, mas carente de formação crítica; cercada de opções, mas carente de sentido. Na pedagogia salesiana, o educador é também evangelizador, e isso exige a capacidade de interpretar a linguagem e os sinais dos tempos da juventude contemporânea.

Para Dom Bosco, deveria haver respeito à liberdade do jovem, em toda parte: na capela, no pátio, nas aulas, valorizando sempre a espontaneidade e a individualidade de cada um.

O educador do Sistema Preventivo, ao invés, convivia com os alunos, participando de sua vida, interessando-se pelos seus problemas, tomando parte nas suas conversas e nos seus jogos, e intervindo, positiva e eficazmente, para retificar ideias, para corrigir, de uma maneira racional e afável, conceitos e juízos de valor, segundo os princípios da educação cristã. O objetivo da atenção do educador era permitir o emprego positivo das energias juvenis, não “vigiar” ou “tolher” suas iniciativas (SCARAMUSSA, 1979, p. 96).

Atualmente, a fragmentação dos vínculos, a liquidez das relações e a crescente exclusão social impõem à Pastoral Juvenil Salesiana o desafio de ser ainda mais presente e transformadora.

LENTI (2014) destaca que os sonhos missionários de Dom Bosco – como aquele sobre a evangelização na Patagônia – não foram apenas visões místicas, mas verdadeiras propostas pedagógicas. Eles indicavam que a evangelização deveria ser feita por meio da proximidade, do respeito cultural e do envolvimento da juventude. Nesse contexto, o princípio de formar “bons cristãos e honestos cidadãos” (DOM BOSCO apud LENTI, 2014) continua sendo horizonte pastoral válido e necessário.

BRAIDO (2004) ressalta a importância da assistência educativa, ou seja, da presença contínua, preventiva e amorosa ao lado dos jovens. Esse aspecto exige, na atualidade, uma presença que vá além dos espaços físicos, alcançando também os meios digitais, onde os jovens estão inseridos.

Outro ponto de convergência entre o passado e o presente é a centralidade da espiritualidade mariana. No sonho missionário de Dom Bosco, quando os indígenas

se unem aos salesianos na oração a Maria, demonstram abertura à fé cristã. D'ESPINEY (1895) já afirmava que Maria Auxiliadora era considerada por Dom Bosco como guia das missões salesianas. Hoje, sua presença continua sendo sinal de ternura, proteção e esperança no trabalho pastoral com a juventude.

Em síntese, tanto os primeiros missionários quanto os educadores salesianos contemporâneos são chamados a viver um espírito de entrega, adaptação e amor concreto aos jovens. A pastoral juvenil no mundo globalizado deve inspirar-se no dinamismo missionário de Dom Bosco: não impor, mas propor; não colonizar, mas caminhar juntos; não apenas instruir, mas formar integralmente com o coração e a razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a importância da Primeira Expedição Missionária Salesiana no contexto histórico, social e religioso, destacando seu impacto na difusão do carisma de Dom Bosco e na consolidação da identidade salesiana na América Latina. A partir da revisão bibliográfica e da análise dos documentos históricos, compreendeu-se como essa expedição representou um marco fundamental na expansão do trabalho salesiano, promovendo a educação, a evangelização e a assistência social em diversas regiões.

Observou-se que a expedição não apenas respondeu aos desafios de sua época, mas também serviu de modelo para as futuras ações missionárias da Congregação, reafirmando o papel da pedagogia salesiana como instrumento de transformação social e espiritual, especialmente por meio da educação dos jovens mais necessitados.

Um dos pilares desse compromisso foi a aplicação do Sistema Preventivo de Dom Bosco, fundamentado na razão, na religião e na amorevolezza. Esse método, distinto do sistema repressivo tradicional, buscava criar um ambiente de confiança, diálogo e acompanhamento contínuo, favorecendo o desenvolvimento integral dos jovens. Sua eficácia na formação de pessoas autônomas e responsáveis consolidou-o como um modelo educacional aplicável em diferentes realidades.

Além disso, evidenciou-se que a missão salesiana permanece atual, adaptando-se às novas realidades sem perder a essência do carisma de Dom Bosco. Por meio da educação, da promoção social e do trabalho pastoral, os salesianos continuam formando cidadãos comprometidos com os valores cristãos e com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Conclui-se, portanto, que a Primeira Expedição Missionária Salesiana foi um marco duradouro na trajetória da Congregação, cujos reflexos ainda são percebidos na atualidade. O estudo reforça a importância de preservar essa memória histórica, para que as futuras gerações compreendam e valorizem o legado deixado por Dom Bosco e seus primeiros missionários.

Como disse Dom Bosco: "A educação é coisa do coração." Que esse princípio continue guiando a missão salesiana em sua nobre tarefa de formar bons cristãos e honestos cidadãos.

5. REFERÊNCIAS

AGASSO, Domenico; AGASSO, Renzo; AGASSO JUNIOR, Domenico. **Dom Bosco: Uma história para todos os tempos**. Tradução de: D. Hilário Moser. Brasília: Edb, 2015.

BRAIDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco** [tradução Jacy Cogo]. São Paulo: Editora Salesiana, 2014.

D'ESPINEY, Carlos. **Dom Bosco**. Nictheroy: Typographia Salesiana, 1895.

INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO. **Fontes salesianas – 1: Dom Bosco e sua obra: coletânea antológica**. Tradução de Dom Hilário Moser. São Paulo: Edições EDB, 2014.

LEMOYNE, João Batista. **Memórias biográficas de São João Bosco: volume X**. Tradução de Rafael Locchi. São Paulo: Edebê, 2022a.

LEMOYNE, João Batista. **Memórias biográficas de São João Bosco: volume XI**. Tradução de Rafael Locchi. São Paulo: Edebê, 2022b.

LENTI, Arthur J. **Dom Bosco: história e carisma. 3. ed.** São Paulo: Edições EDB, 2014.

MARTINEZ, Pedro S. **Religión e inmigración en 1907: un informe del arzobispado de Buenos Aires**. Archivum, Buenos Aires, v. XVI, p. 134-135, 1994.

MODESTI, João. **Uma Pedagogia Perene**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975.

NANNI, Carlo. **O sistema preventivo de Dom Bosco, hoje**. Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014. 116 p. Tradução de: D. Hilário Moser.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O sistema preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação. 2. ed.** São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1979.

VESPIGNANI, José. **Circulares, cartas, avisos: para uso de los salesianos de la Inspectoría Argentina de San Francisco de Sales.** Edición reservada. Buenos Aires: Sociedad Editora Internacional, 1922.